

**ANÁLISE ESTRATÉGICA
DA
BATALHA DO CUITO CUANAVALÉ**

Miguel Júnior*

INTRODUÇÃO

A Batalha do Cuito Cuanavale teve lugar, em 1988, no sudeste de Angola, devido aos desenvolvimentos da guerra. Transcorridos, entretanto, vários anos sobre o sucedido, esta batalha continua a ser objecto de atenção na África Austral e noutras regiões geográficas. Ao mesmo tempo, ela tem suscitado acesos debates nos círculos castrenses e académicos de várias paragens. Apesar dessas realidades, há antecedentes militares ligados ao teatro da guerra que carecem de estudo e de interpretação estratégica, a fim de se fazer um enquadramento técnico-militar mais consentâneo da batalha. Nessa linha de pensamento é essencial analisar, do ponto de vista estratégico-militar, os progressos militares que tiveram lugar antes da erupção da batalha e interpretar, de seguida, este combate à luz dos saberes da estratégia militar. Desta maneira, este texto expõe os assuntos de forma clara e em três momentos.

Em primeiro lugar, tece considerações de carácter estratégico a fim de facilitar o entendimento sobre as questões que são objecto de análise. Em segundo lugar, analisa a evolução política e militar de 1976 a 1988, caracterizando a situação militar e os teatros operacionais nas direcções Leste e Sudeste do território angolano, bem como descreve as operações ofensivas estratégicas das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), entre 1985 e 1987, devido ao avanço da guerra de guerrilha das Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA). No prosseguimento da presente abordagem, também são objecto de atenção as contra-ofensivas estratégicas militares das Forças de Defesa da África do Sul (SADF) na direcção Sudeste, entre 1985 e 1987, assim como as manobras e as operações defensivas das FAPLA até à introdução em combate de algumas unidades das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (FAR). Nesta senda são descritos os combates ofensivos e defensivos entre as unidades angolanas, cubanas e sul-africanas, os quais configuraram a Batalha do Cuito Cuanavale. Em terceiro lugar, analisa de forma crítica sobre a batalha à luz dos saberes da estratégia militar e das demais teorizações militares. Por fim, despontam as conclusões sobre o assunto.

1. CONSIDERAÇÕES ESTRATÉGICAS PRELIMINARES

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

Do ponto de vista dos estudos de guerra, as guerras merecem sempre um tratamento singularizado para que elas sejam entendidas em dimensão e profundidade. Na trilha dos estudos de guerra, é preciso partir do princípio que os Estados, envolvidos numa guerra, possuem sempre uma concepção estratégica. Este facto é extensível às organizações armadas, às forças guerrilheiras e afins. Também é preciso perceber que as concepções estratégicas estabelecem, como regra, as metas estratégicas do Estado, que são, por sua vez, as linhas orientadoras para o conjunto das actividades e acções militares. Ainda assim, as metas estratégicas determinam a condução da guerra e a conduta do Estado no contexto da guerra.

De igual maneira, nessa base, um Estado define as suas acções e as suas modalidades estratégicas, tendo como sustentáculos uma série de questões de âmbito de defesa. Assim um Estado se prepara para a guerra, concebendo os seus planos de guerra e definindo as suas campanhas militares. Mas também o Estado, devido à sua condição de actor político, tem de possuir visão e cultura estratégicas.

De seguida, à luz da sua visão estratégica militar, o Estado tem de estabelecer um modo de actuação que lhe permita conduzir as operações de guerra. Por outras palavras, o Estado tem de ter uma estratégia operacional militar com todas as suas implicações e exigências. No entanto, uma estratégia operacional só é bem-sucedida quando se valorizam as questões logísticas, técnicas e tácticas e quando o Estado, como o principal condutor da guerra, adopta uma postura adequada e em conformidade com as realidades. Nessa óptica, a condução estratégica da guerra é a chave para a vitória.

A condução estratégica é central para alcançar os objectivos políticos de uma guerra. Além do mais, com base na condução estratégica da guerra, as Forças Armadas fazem as suas escolhas ofensivas e defensivas, podendo algumas destas possuir pendor estratégico. Outrossim, a condução estratégica militar facilita os processos de direcção, a manobra estratégica e a preparação de uma batalha. Abertamente falando, algumas batalhas podem ser preparadas com antecedência, mas outras ocorrem por força das dinâmicas dos combates e sem qualquer preparação prévia. Também, no decorrer de uma operação militar, pode ter lugar uma batalha ou mais do que uma, ou não ter lugar nenhuma batalha. De resto, o discernimento no nível táctico militar é sempre em conformidade com o momento específico. Do mesmo modo, há que reter que uma batalha, de maneira real, ocorre num determinado espaço de tempo, num lugar específico e envolve um conjunto de unidades específicas de duas partes. Ora, se uma batalha ocorre numa determinada

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

área geográfica concreta e específica, é inadmissível que ela se estenda a outras áreas.

De maneira geral, estas são as considerações de carácter estratégico que se impunham produzir, de antemão, para explicar que as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), as Forças de Defesa da África do Sul (SADF), as Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (FAR) e as Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA) confrontaram-se no teatro operacional Sudeste em conformidade com as suas concepções estratégicas militares e os seus planos operacionais, assim como de acordo com as dinâmicas militares do campo da batalha. Expostas as considerações preambulares estratégicas, interessa, de seguida, interpretar as realidades militares que imperavam antes da eclosão da Batalha do Cuito Cuanavale.

2. EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO POLÍTICA E MILITAR (1976-1988)

Abordando este assunto, devemos dizer que a situação militar em Angola passou por três grandes momentos. De 1976 a 1980, foi o instante em que as insurreições armadas da FNLA, da UNITA e da FLEC ganharam corpo e as acções guerrilheiras começaram a fazer-se sentir no território nacional. Nesta etapa, as acções armadas guerrilheiras alastraram-se e eram visíveis em todo o país. Nessa altura, as forças insurreccionais criaram condições, com base nas suas estratégias operacionais guerrilheiras, que permitiram elevar as suas acções armadas a outros patamares. Visando desestabilizar o país e instalar o caos. Ao mesmo tempo, as forças insurreccionais fizeram tudo para conseguir retaguardas seguras ao longo das fronteiras nacionais.

Nesse sentido as Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA), abraço armado da UNITA, tiveram sucessos. Isto permitiu criar a base central da Jamba, como centro coordenador de toda a actividade política e guerrilheira da organização. Este ganho da UNITA era o indicativo de que a sua guerra de guerrilha atingiria outros níveis e as suas forças evoluíam muito mais. Entretanto, na conjuntura em análise, as acções insurreccionais das organizações armadas confrontaram-se com as operações ofensivas impetuosas de contrainsurreição das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Aliás, no momento em destaque, as FAPLA levaram a cabo várias operações em todo o território nacional.

Relativamente às acções convencionais das Forças de Defesa da África do Sul (SADF), essas ganharam corpo e intensificaram-se com o passar do tempo. Tanto

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

mais que as agressões armadas sul-africanas contra o território angolano se adensaram até ao momento em que iniciou a guerra efectiva contra o Estado angolano. Além disso, as forças militares sul-africanas estavam a auxiliar a expansão da guerra de guerrilha da UNITA. Mas perante as acções convencionais sul-africanas, as FAPLA accionaram medidas defensivas de forma activa e com resultados significativos.

De 1981 a 1985, registaram-se mudanças no seio das forças guerrilheiras das FALA. Este braço armado da UNITA ganhou muito mais mobilidade e fez catapultar a guerrilha para outros níveis. Isto porque as suas forças passaram a contar com unidades semi-regulares, forças estratégicas, regionais e de zonas. As forças estratégicas da guerrilha da UNITA tinham a missão de levar a guerra ao Norte do país, tendo elas alcançado esse desiderato. No entanto, mais tarde, a UNITA criou três frentes operacionais. Também, de acordo com a visão estratégica das FALA, as províncias do Cuando Cubango e do Moxico constituíram-se em bases de apoio à expansão da guerrilha. Em 1983, diante dos objectivos estratégicos da guerrilha da UNITA, as FAPLA prepararam e conduziram, com muito sucesso, duas grandes operações, nomeadamente: a “Operação 17 de Setembro” e a “Operação XXVII Aniversário do MPLA”¹. Estas operações tiveram o seu peso e desintegram as forças estratégicas da guerra de guerrilha da UNITA.

No seguimento das suas operações, as FAPLA desencadearam mais três acções ofensivas de grande envergadura, nomeadamente: a “Operação Junho Vitorioso”, a “Operação FAPLA 10 Anos de Vitórias” e a “Operação Kuanza-Bengo”. As primeiras destinaram-se a reverter as situações nas províncias do Moxico e do Cuando Cubango. A terceira visou travar o avanço das FALA nas províncias do Kuanza Norte e do Bengo. No geral, as operações que as FAPLA estavam a realizar, desde o começo dos anos oitenta, eram sobretudo operações ofensivas normais. No entanto, face ao avanço da guerra de guerrilha da UNITA, o comando das FAPLA, em estreita coordenação com o poder político, mudou a sua visão em relação à guerra de guerrilha da UNITA. As FAPLA elevaram o patamar estratégico operacional.

Nestas condições, a decisão estratégica impôs a realização de operações ofensivas estratégicas contra as principais posições e bases da UNITA, que se encontravam nas direcções Leste e Sudeste. Desse modo, a primeira grande ofensiva estratégica foi a “Operação II Congresso”, que teve lugar em Agosto de 1985 ². Esta operação abarcou duas áreas estratégicas. Mas, na direcção de Mavinga e das bases

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

centrais da UNITA, as FAPLA falharam nos seus propósitos. Isso sucedeu por força das acções combinadas entre as unidades motorizadas das FALA e as Forças de Defesa da África do Sul (SADF). Estas aproveitaram essa ocasião e desencadearam a sua primeira contraofensiva estratégica, já que elas tinham interpretado correctamente a intenção da ofensiva estratégica militar do comando das FAPLA. Entretanto, no âmbito desta análise, importa destacar que as Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (FAR) não participaram na primeira operação ofensiva estratégica das FAPLA devido a condicionalismos políticos e militares.

Também é preciso reter que, nesse espaço de tempo, as Forças de Defesa da África do Sul (SADF) continuaram a realizar acções ofensivas, com algum sucesso, contra a SWAPO no território angolano e acções convencionais contra as FAPLA. Mas também elas perceberam que as FAPLA tinham, na direcção Sudoeste, posições defensivas bem fortalecidas, quer das suas forças terrestres quer da sua força aérea e defesa antiaérea. Aliás, as investidas convencionais sul-africanas, depois de 1981, foram mais difíceis na direcção Sudoeste por força do crescimento convencional das FAPLA.

No espaço de tempo de 1986 a 1988, as FAPLA mantiveram a sua visão estratégica em relação à UNITA. Nesse âmbito, conceberam e prepararam a segunda operação ofensiva estratégica para aniquilar a UNITA na direcção Sudeste. Nesse sentido, em Julho de 1986, o General-de-Divisão Arnaldo T. Ochoa Sanches, chefe da Missão Militar Cubana em Angola, alertou ao Major-General Konstantin Kuroshkin, chefe da Missão Militar Soviética em Angola, para o seguinte facto: “A presença de destacamentos sul-africanos na região do Cuito Cuanavale, cobrindo posições da UNITA, demonstra a intenção da África do Sul em tentar impedir, mesmo com a sua presença, a realização de operações das FAPLA no sul das províncias do Moxico e do Cubango”³. Além do mais, na referida comunicação, o chefe da Missão Militar Cubana sugeriu de que modo as FAPLA deveriam preparar essa operação de grande envergadura. Mas o comando das FAPLA já tinha feito a leitura dos factos e sabia o que sucederia no contexto da sua decisão estratégica em relação às forças da UNITA no Sudeste do território nacional.

De resto, em 12 de Novembro de 1985, o Tenente-Coronel Pedro Benga Lima (Foguetão), chefe da Direcção de Operações do Estado Maior General das FAPLA, apresentou, no âmbito da segunda operação ofensiva estratégica, a proposta intitulada: “Sobre o Agrupamento de Tropas a Criar na Direcção Sudeste do País”

⁴. Esta proposta destaca a seguinte realidade: “A Operação II Congresso do

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

Partido”, levada a cabo contra as principais agrupações da UNITA nas áreas Leste e Sudeste do país, possibilitou-nos, além dos resultados alcançados, chegar a determinadas conclusões sobre as agrupações de tropas e meios a criar para operações futuras, se tivermos em conta as experiências obtidas no decurso das acções combativas nas duas direcções fundamentais de ofensiva das nossas tropas.

Assim, na direcção Cazombo, a acção das nossas unidades foi um êxito retumbante, não obstante algumas dificuldades surgidas no que se refere ao abastecimento às tropas e à manobra das unidades, por falta de meios adequados fundamentalmente para a travessia de obstáculos aquáticos, na direcção Kuito-Kuanavale-Mavinga as nossas unidades foram obrigadas a interromper a sua ofensiva após a introdução em combate a partir de 16-09-85 de forças e meios das tropas terrestres e da aviação sul-africana, tendo-nos causado inúmeras baixas quer em efectivos quer em meios técnico-materiais da nossa Força Aérea e das Tropas Terrestres. Também nesta direcção, e com maior incidência, se registaram grandes dificuldades para o reabastecimento das nossas unidades, assim como para a evacuação de feridos e doentes, tendo-se verificado também nalguns casos, dificuldades na direcção, ligação com as tropas e cooperação entre as unidades. Das experiências recolhidas nesta direcção, pudemos verificar que uma das deficiências principais das nossas unidades foi essencialmente o seu fraco poder de fogo no que respeita à defesa antiaérea e aos meios da artilharia terrestre, para o combate contra as forças e meios introduzidos pelos racistas sul-africanos, tendo-se verificado a nossa impotência quase total para rechaçar os seus ataques e perante a sua supremacia quer no ar, quer em meios de fogo em terra. Só a determinação e bravura dos nossos combatentes, assim como a firmeza dos chefes das unidades na direcção e manobra das tropas levaram a que as consequências não atingissem maior gravidade.

Após se terem analisado detalhadamente as experiências da Operação no Ministério da Defesa/E.M.G., chegou-se à conclusão que para proceder à derrota e o aniquilamento das principais unidades regulares e bases da UNITA no Sudeste do país e, em simultâneo lutar contra uma agrupação de forças dos racistas sul-africanos, que certamente será introduzida em combate, deveremos, criar nessa direcção, um agrupamento de tropas, um agrupamento de tropas criado já com base numa forma superior de organização de unidades militares – 7 Brigadas de Infantaria Motorizada – dotadas de meios técnicos de combate e, de transporte de tropas e de meios técnicos materiais, e 1 Brigada de Tanques que permitam manter

*** Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.**

sempre a supremacia sobre as forças e meios do inimigo, protejam ao máximo os nossos efectivos e meios e possibilitem a direcção e o apoio ininterrupto das nossas unidades”⁵.

Esta proposta do Estado Maior General das FAPLA sobre a criação de um agrupamento de tropas, para o desencadeamento da segunda operação ofensiva estratégica na direcção Sudeste, foi objecto de discussão. Isto permitiu refinar a ideia sobre a composição da força como um todo, tendo a proposta terminado da seguinte maneira: “ – Prevemos que com a criação do Agrupamento de tropas proposto por nós para a direcção Sudeste, tendo em conta a quantidade de forças e o poder bélico dos meios de fogo, durante as operações a realizar no próximo ano, levaremos a derrota das principais forças regulares e bases estratégicas da UNITA, restabeleceremos a situação na fronteira estatal na província do Kuando Kubango e, estaremos capazes de rechaçar e derrotar quaisquer tentativas de agressão por parte das forças racistas sul-africanas”⁶. Esta era a convicção do chefe da Direcção de Operações do Estado Maior General das FAPLA, que depois passou a exercer a função de primeiro substituto do chefe do Estado Maior General, o Coronel-General António França (Ndalú).

Perante este excerto da proposta, há que elevar a fasquia da análise e examinar esta proposição de maneira crítica. Estamos em presença de uma ideia que revela o interesse que havia em produzir uma batalha estratégica decisiva, quer com as FALA quer com as Forças de Defesa da África do Sul (SADF). As batalhas decisivas são parte integrada da história das batalhas. A batalha decisiva é montada com antecedência e é operacionalizada para que ela seja, de facto, vitoriosa. A batalha decisiva possui sempre sentido estratégico, visto que ela determina a “sorte da campanha”. Esta verdade é irrefutável. No entanto, vamos ver o que aconteceu.

Na senda dos esforços das FAPLA, a fim de materializar a ideia da operação ofensiva estratégica, o Comandante-em-Chefe José Eduardo dos Santos determinou, em Agosto de 1986, a realização da segunda operação ofensiva estratégica nas áreas do Munhango, do Lucusse e do Cuito Cuanavale⁷. Obedecendo às orientações superiores, o Coronel-General Pedro Maria Tonha (Pedalé), ministro da Defesa, produziu, em Fevereiro de 1987, a directiva sobre o emprego estratégico das tropas no primeiro semestre desse ano. Depois, em Junho de 1987, o Coronel-General Pedro Maria Tonha (Pedalé) orientou a criação dos agrupamentos de tropas na 3^a e 6^a Regiões Militares⁸, especificando nessa ordem, ao mesmo tempo, as missões de cada uma das direcções de responsabilidade no contexto da operação.

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

No prosseguimento dos esforços militares das FAPLA, a 19 de Junho de 1987, o ministro da Defesa ordenou a criação da Frente Sudeste, uma vez que a guerra exigia mais coordenação do ponto de vista de condução estratégica e uma melhor ligação entre o Estado Maior General e a 3ª e 6ª Regiões Militares⁹. De maneira geral, o Estado Maior General das FAPLA prosseguiu com a actividade militar para cumprir os objectivos militares estratégicos na direcção Sudeste, particularmente na 6ª Região Militar (Quando Kubango). Por isso, à margem da constituição dos agrupamentos militares, formados com base em algumas brigadas de infantaria motorizada e grupos táticos, a direcção estratégica da 6ª Região Militar beneficiou de muitos meios de combate e de asseguramento combativo, incluindo foguetes, aviões, meios de artilharia, radiolocalização, etc. As FAPLA criaram, no âmbito dessa operação, mais algumas unidades, incluindo as tropas químicas.

Reunidas as condições indispensáveis, a segunda operação ofensiva estratégica arrancou. Isto é, a Operação “Saudemos Outubro” entrou em acção, em Junho de 1987, com o objectivo de derrotar as unidades da FALA na região do Cuito Cuanavale e desenvolver uma ofensiva em direcção à Mavinga. A “Operação Saudemos Outubro”, na direcção do Cuando Kubango, arrancou em duas etapas. A primeira começou no dia 12 de Junho de 1987 e a segunda etapa teve início no dia 17 de Junho do mesmo ano. Do posto de vista do emprego das unidades, na “direcção do golpe principal actuaram forças de (4) (quatro) Brigadas, sendo a 21ª, 16ª, 59ª, 47ª, (1) um Grupo Tático e unidades de foguetes e artilharia antiaérea (...) ¹⁰. No entanto, esta descrição sobre os factos permite divisar, mais uma vez, que as Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (FAR) não se envolveram, por razões políticas e militares, na “Operação Saudemos Outubro”. Esta operação arrancou e desenrolou-se sem a participação das forças militares cubanas.

Avançando, entretanto, para outros factos, é preciso considerar que perante o desempenho da “Operação Saudemos Outubro” das FAPLA, as Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA) intensificaram as suas acções guerrilheiras nas direcções Centro e Norte do território nacional. Elas estavam a pressionar ao máximo. Esta manobra estratégica operacional guerrilheira visava dificultar os esforços operacionais das forças armadas governamentais porque havia plena consciência sobre o perigo que representava a operação ofensiva estratégica do Governo angolano. O mesmo sucedeu com as Forças de Defesa da África do Sul (SADF). Estas entraram em acção porque sabiam o que estava em jogo. Assim, lançaram a sua segunda contraofensiva estratégica. Esta acção visava evitar a

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

desarticulação da UNITA e travar um possível avanço dos guerrilheiros da SWAPO e do ANC na direcção Sudeste, segundo explicou o General Jannie Geldenhuys, chefe do Estado Maior das Forças de Defesa da África do Sul (SADF)¹¹.

Nesse contexto, os esforços militares conjuntos da UNITA e África do Sul eram visíveis. Só restava as FAPLA agir em conformidade com a natureza da contraofensiva estratégica das Forças de Defesa da África do Sul (SADF). O envolvimento destas forças começou, em Setembro de 1987, com o 32º Batalhão de Infantaria Ligeira no âmbito da “Operação Modular”. Esta operação também contou com o envolvimento, desde Outubro de 1987, do 61º Batalhão Mecanizado. Aliás, foi esta unidade que desarticulou, no seu movimento ofensivo, a 47ª Brigada de Infantaria das FAPLA, quando esta unidade se encontrava a transpor o rio Lomba.

No entanto, quatro meses depois do início da “Operação Saudemos Outubro”, o ministro da Defesa, Coronel-General Pedro Maria Tonha (Pedalé), avaliou, em Novembro de 1987, os desenvolvimentos militares no terreno e caracterizou a situação da 6ª Região (Cuando Cubango) da seguinte maneira: “A situação actual nesta Região Militar é caracterizada (...) com a subida das tropas sul-africanas para o norte do rio Lomba. As tropas sul-africanas atacaram a 16ª e outras unidades e, a distância de 30-40 km do Cuito Cuanavale, continuam a realizar os golpes aéreos e realizam (...) flagelamento com artilharia de longo alcance do tipo G-5, G-6 contra as nossas unidades (...). Face à situação, o comando da Frente decidiu passar a defesa em dois escalões com todas as unidades para fazer frente ao incremento de acções e de um provável ataque das tropas sul-africanas ao Cuito Cuanavale, apoiados pela artilharia de longo alcance e aviação”.¹² Esta é a informação que o Ministério da Defesa produziu e levou, em Novembro de 1987, ao conhecimento das mais altas entidades do país.

Nessa altura, entretanto, a “Operação Modular” das forças sul-africanas ainda se encontrava em execução. Passados alguns dias, a “Operação Hooper” entrou em acção no prosseguimento da ofensiva das SADF e FALA. Foi nessas circunstâncias que as FAPLA recuaram e passaram à defesa. Apesar dessa realidade, os combates prosseguiram e eram de elevada intensidade. Tanto mais que eles causaram uma mudança na situação militar, entre o fim de Novembro e o início de Dezembro de 1987. Isso gerou inquietações ao mais alto nível e implicou conversas e trocas de correspondência entre Fidel Castro e Mikhail Gorbachov. De resto, muito antes, José Eduardo dos Santos já havia dialogado com o líder soviético.

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

Perante a situação que prevalecia no campo de batalha do Cuito Cuanavale, o líder cubano explicou ao Presidente Mikhail Gorbatchov o estado das coisas da seguinte forma:

“(...) A nossa comunicação sobre a situação em Angola e as medidas tomadas foi algo inesperado. Quero explicar que, poucos dias depois de regressar da minha viagem à União Soviética, começaram a chegar notícias bastante preocupantes sobre o agravamento da situação militar e política em Angola. Ali estava a ser formada uma situação perigosa.

(...)

Depois de analisar a situação criada, chegámos à conclusão de que era essencial e urgente reforçar as tropas. Não temos a menor culpa pela situação militar ali criada. É uma responsabilidade que cabe inteiramente aos conselheiros soviéticos, que fizeram questão de lançar as tropas angolanas numa ofensiva profunda rumo às regiões remotas do Sudeste do país, a uma distância considerável da retaguarda e das bases das suas próprias forças e nas imediações da fronteira com a Namíbia e das bases militares da África do Sul aí instaladas.

Duas vezes entre 1985 e 1987 isso aconteceu, com as consequências militares e políticas que eram de se esperar. Sempre fomos contra este tipo de operações absurdas, que não resolvem a situação, comprometem todos os recursos e fragilizam a acção contra os bandos da UNITA nos locais verdadeiramente estratégicos do país do ponto de vista militar, económico, social e político. Se o inimigo tivesse permitido que as unidades angolanas penetrassem mais fundo, o desastre teria sido completo e nenhum recuo seria possível.

Agora se criou, mais uma vez, a situação crítica, e só as tropas cubanas poderão resolver o problema.

A reunião do chefe do Estado Maior das nossas Forças Armadas com o ministro da Defesa da URSS foi muito amarga. O ministro Yazov usou palavras, termos e conceitos injustos, ofensivos e humilhantes em relação à atitude das nossas tropas.

Existe uma contradição entre o facto de, por um lado, o ministro Yazov exigir que enviemos as nossas tropas para lutar contra a UNITA e os sul-africanos no Sudeste do país, onde o inimigo escolheu o teatro de operações e a mais adequada tática para ele e, por outro lado, na nota soviética somos criticados pela decisão de enviar reforços, como um passo cujo significado, tal como é expresso textualmente, ultrapassa os limites dos acontecimentos em Angola.

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

(...)

A situação militar do país continua a piorar. Os factos mostram que a nossa decisão de enviar reforços sem perda de tempo foi absolutamente correta. Não está excluído que ali ocorram confrontos directos com os sul-africanos. Qualquer um pode entender os riscos de ser fraco em tal situação”¹³.

Com esta missiva, o líder cubano procurou explicar ao seu homólogo soviético as razões que o levaram a enviar mais tropas à Angola, quando, na verdade, as negociações entre os Estados Unidos da América e a União Soviética já iam a passos largos e visam encontrar uma solução para o conflito da África Austral. Ao mesmo tempo, Fidel Castro aproveitou a ocasião para explicar a situação que prevalecia em Angola. Confrontado, no entanto, como a carta do seu homólogo, o líder soviético respondeu do seguinte jeito:

“É possível que as suas acções tenham sido coordenadas com Dos Santos, mas, não obstante, acho difícil compreender como tal decisão pode ser tomada sem nós quando existe há muito a prática de consultas tripartidas para elaborar uma política coordenada nos assuntos angolanos.

Relativamente à direcção das operações militares específicas em Angola, assumimos que esta é efectuada com base numa estreita cooperação entre o comando angolano e o comando cubano e os assessores militares soviéticos. Acontece que as operações planeadas nem sempre levam ao sucesso. Tudo pode acontecer na guerra. Parece-me que agora, antes de mais nada, é necessário proceder com calma e ponderação, ou seja, esfriar as paixões.

Ao mesmo tempo, é evidente que o desenvolvimento das acções militares em Angola exige uma melhoria substancial da coordenação entre os nossos representantes militares e a elaboração de uma abordagem uniforme no que diz respeito ao planeamento das operações militares”¹⁴.

Na realidade, a comunicação entre as partes angolana, soviética e cubana permitiu remover os pontos cinzentos, o que fortaleceu de forma significativa a aliança das partes. No contexto da guerra, entretanto, terminada a “Operação Hooper”, as Forças de Defesa da África do Sul e as FALA deram início à “Operação Packer”, que começou, nos primeiros dias de Janeiro de 1988, com dificuldades face à determinação das FAPLA. Mas, no terreno, a situação militar inspirava cuidados redobrados. Assim, no dia 16 de Janeiro de 1988, o Tenente-General P. Gussev, assessor militar principal soviético, fez chegar, ao General-de-Exército José Eduardo dos Santos, a seguinte informação: “Por intermédio do presente ofício

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

venho informar que na área do Cuito Cuanavale criou-se uma situação trágica, urgindo-se a necessidade de tomar de imediato as medidas eficazes. Surgiu o perigo de aniquilamento completo do agrupamento das unidades das FAPLA localizado nesta zona.

Tomando em consideração tal situação, nós recomendamos materializar uma série de actividades a seguir mencionadas:

1. Realizar o contra-ataque e restabelecer a situação da 21ª Brigada de Infantaria. Empregar de forma massiva a aviação. As Unidades e Subunidades dispõem de forças e meios para fazê-lo.

2. Com vista a estabilizar a situação nesta área, transladar a partir do Menongue a 10ª Brigada de Infantaria.

3. Reforças o Comando e Estado Maior da 6ª Região Militar com oficiais do Ministério da Defesa e do Estado Maior General.

4. A direcção imediata das tropas na zona do Cuito Cuanavale deve ser de competência de um dos representantes da Chefia Militar Superior do País.

5. Há que solicitar a parte cubana para transladar as forças para a área do Cuito Cuanavale. Caso contrário as consequências podem ser trágicas.

Ao finalizar, acho conveniente comunicar que a morosidade na tomada da decisão equivale a morte”¹⁵.

O teor deste ofício do Tenente-General P. Gussev, endereçado ao Comandante-em-Chefe José Eduardo dos Santos, reforçou muito mais a necessidade do envolvimento das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (FAR) em apoio às Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Deste modo, as FAPLA e FAR conseguiram criar e manter “um Agrupamento na área Menongue-Cuito Cuanavale”¹⁶. No ambiente tenso da guerra, onde as partes se encontravam fortemente empenhadas, as evidências do terreno atestavam a entrega dos combatentes angolanos e cubanos.

Fruto dessa realidade, o General Raul Castro, ministro da Defesa das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, fez sair um comunicado, no dia 17 de Março de 1988, sobre os desenvolvimentos militares no teatro operacional Sudeste (Quando Cubango) com o seguinte conteúdo:

“Houve uma mudança substancial na situação em Angola. Por três meses e meio, a África do Sul, empregando a infantaria da organização contrarrevolucionária da UNITA, tropas das chamadas forças territoriais da

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

Namíbia e unidades regulares das suas forças armadas tentaram em vão ocupar a cidade do Cuito Cuanavale.

(...)

Um grupo de brigadas angolanas retirou-se, em Novembro, face à larga escalada sul-africana que teve lugar em Outubro. A retirada ajudou a evitar a derrota nas mãos da UNITA na região de Mavinga, aproximadamente 150 quilómetros do sudeste do Cuito Cuanavale.

No Cuito Cuanavale, não havia, contudo, pessoal militar cubano, nem conselheiros nem unidades de combate.

Perante o pedido do Governo angolano, conselheiros cubanos foram voando nos primeiros dias de Dezembro para o Cuito Cuanavale, para as brigadas de infantaria, artilharia e tripulações de tanques das FAPLA. Ao mesmo tempo, pessoal especializado em artilharia e tanques voaram para lá.

Quase simultaneamente, a força aérea cubana em Angola foi reforçada com um grupo dos nossos pilotos mais experientes, em meados de Janeiro, para contrapor os ataques sul-africanos contra o Cuito Cuanavale. Unidades cubanas de infantaria mecanizada, tanques e artilharia foram enviadas para essa frente, para reforçar os combatentes heróicos das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Com a colaboração de um número limitado de conselheiros e especialistas cubanos, essas forças defenderam a posição deles.

A partir de Dezembro até agora, 17 de Março, todos os ataques inimigos contra a inflexível resistência angolano-cubana foram aniquilados.

A artilharia pesada e os ataques lançados de longa distância pelos sul-africanos, neste período, contra a área do Cuito Cuanavale – mais do que 20.000 projecteis de calibre 150 milímetros – não puderam reduzir ao menos a resistência tenaz dos seus defensores.

Cada esforço das tropas da África do Sul e seus aliados para ocupar o Cuito Cuanavale confrontou-se com uma muralha de artilharia e golpes aéreos. Os esquadrões aéreos angolano-cubano jogaram um brilhante e heróico papel no decurso dos combates. Os pilotos demonstraram verdadeira proeza, atacando incessantemente e sem medo as colunas e acampamentos inimigos. As acções deles foram decisivas.

Simplificando, a África do Sul, que anunciou a tomada desta vila a 23 de Janeiro, há quase dois meses, quebrou os dentes contra a feroz resistência do Cuito Cuanavale.

Os soldados angolanos actuaram com admirável valor. Por constituírem o grosso das forças defensivas, os angolanos estiveram envolvidos nos combates mais pesados. Suas unidades sofreram várias centenas de mortos e feridos. As forças cubanas, desde a chegada, em 5 de Dezembro, do primeiro efectivo até 17 de Março, sofreram 39 mortos e feridos, cujas famílias foram devidamente notificadas. A maioria dessas perdas ocorreu nos últimos dois meses.

O inimigo sofreu perdas abundantes. Com base em dados compilados de suas próprias comunicações e estimativas de dirigentes cubanos e angolanos, entre seus mortos e feridos estão centenas de soldados das chamadas Forças Territoriais da Namíbia e mais cem das unidades regulares brancas da própria África do Sul. Nos últimos 16 dias, não houve nova tentativa de ocupação do Cuito Cuanavale.

O racista da África do Sul aprendeu uma lição inesquecível. Ao travar as forças do racismo e do apartheid, os heróicos combatentes angolanos e cubanos do Cuito Cuanavale tornaram-se um símbolo extraordinário da dignidade dos povos de África e do mundo”¹⁷.

Este comunicado sobre a situação do Cuito Cuanavale, da autoria do ministro da Defesa de Cuba, General Raul Castro, foi publicado no jornal o Granma, mas também a parte cubana deu uma cópia do documento ao secretário de Estado norte-americano George Shultz, visto que nessa ocasião decorriam as negociações que visavam encontrar uma solução negociada para o conflito da África Austral. Como se pode notar, o presente comunicado veio a público seis dias antes do dia 23 de Março de 1988 e é bastante explícito, deitando por terra um texto publicado no Jornal de Angola, em 2015, em que se fez a seguinte afirmação: “A 23 de Março do ano seguinte, as SADF são efectivamente travadas no triângulo do Tumpo, onde as FAPLA combateram sozinhas, sem apoio cubano, e essa vitória produz uma aceleração nas negociações de paz entre Angola, Cuba e África do Sul. Sob mediação dos Estados Unidos”¹⁸. Perante estas posições, que em nada abonam, há que repor a verdade histórica. Além do mais, as análises militares exigem clareza e rigor na abordagem dos factos.

Vamos prosseguir com a presente reflexão, para depois incorporar outros dados. No contexto desta abordagem, de cariz estratégico, é preciso notar que houve duas decisões estratégicas de Estado. A primeira decisão é do Estado angolano que partiu do princípio de que era essencial conduzir operações ofensivas estratégicas contra os objectivos estratégicos da UNITA, pensando que assim elas enfraqueceriam as forças guerrilhas e colocariam a UNITA numa condição

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

desvantajosa. Também as FAPLA se convenceram que, uma vez derrotadas a UNITA e as Forças de Defesa da África do Sul (SADF), seria possível exercer de imediato o controlo sobre o território na direcção Sudeste.

A segunda decisão é do Estado sul-africano que resolveu realizar contra-ofensivas estratégicas para contrariar os desígnios do seu oponente; impedir o aniquilamento da UNITA e evitar o avanço das forças contrárias em direcção à fronteira Sudeste. Mas também há que adicionar às duas decisões estratégicas governamentais, a decisão estratégica da UNITA. Do ponto de vista da estratégia guerrilheira, era essencial continuar a expansão da guerrilha a Norte; pressionar no Leste e no Centro. Evitando, desta maneira, o colapso do seu centro político coordenador. Esta era a natureza do jogo estratégico dessa conjuntura, mas tudo seria decidido no campo da batalha militar.

Avancemos, no entanto, para os níveis estratégico operacional e tático em concreto. Quando arrancaram os movimentos ofensivos estratégicos das FAPLA, tudo indicava que os objectivos militares estavam ao seu alcance devido ao sucesso inicial das suas forças na direcção de Mavinga. Mas a contra-ofensiva estratégica das Forças de Defesa da África do Sul (SADF) travou as FAPLA. Estas, no meio do fogo cerrado, manobraram, combateram e passaram à defesa na região do Cuito Cuanavale, em conformidade com as ordens do comando da Frente. Neste sentido, a decisão tomada pelo comando da Frente Sudeste das FAPLA, em ordenar a passagem à defesa das suas unidades em dois escalões, simbolizou a necessidade de travar uma batalha estratégica defensiva com os meios que dispunha e outros que seriam, certamente, agregados pelo comando superior.

Também é preciso perceber que o agrupamento militar angolano-cubano organizou a defesa com a elasticidade desejada e dispôs os seus meios de artilharia em posições que lhe permitissem alcançar as forças inimigas. De igual modo, do ponto de vista defensivo, a defesa tinha “uma série de meios artilheiros e tanques desdobrados em linha”, bem como havia cerca de “11 brigadas” desdobradas em “campo aberto e baixo”. É por esta razão que o Tenente-General Fernando Mateus, do agrupamento das FAPLA, fez a seguinte observação: “o nosso sistema de defesa ficou reduzido em distância em mais sete quilómetros. Tínhamos nove quilómetros à frente da linha de defesa, com possibilidades de abatimento do inimigo”¹⁹. Este sistema defensivo foi vantajoso e favoreceu a agrupação das FAPLA e FAR.

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

À margem desta organização defensiva, é indispensável destacar que a defesa das FAPLA/FAR trabalhou de maneira coordenada com as Armas da força aérea e defesa anti-aérea, assim como não lhes faltou os apoios da retaguarda. Os bombardeamentos e os golpes dos esquadrões aéreos angolano-cubano foram essenciais, na medida em que eles neutralizaram muitos dos movimentos ofensivos do inimigo e atacaram as suas posições. Deste modo, os agrupamentos das tropas sul-africanas e aliados tiveram baixas significativas.

Também, no decurso dos combates, a parte sul-africana disparou 20.000 projecteis de calibre 150 milímetros contra as linhas de defesa das FAPLA/FAR. Já os agrupamentos da aviação angolana efectuaram mais de 245 bombardeamentos em diferentes direcções da região do Cuito Cuanavale e descarregaram oitenta e duas toneladas de bombas, até ao dia 30 de Novembro de 1987, conforme atestam os registos da então FAPA/DAA²⁰. Essas acções prosseguiram até Março de 1988, representando um apoio de grande relevância para as tropas que se encontravam nas linhas de defesa. Também as forças inimigas tiveram perdas acentuadas em meios aéreos devido às “emboscadas aéreas”²¹ das unidades das FAPLA.

Na verdade, estas questões contribuíram, como um todo, para o vigor da defesa estratégica das FAPLA/FAR no Cuito Cuanavale. Assim, a fortaleza inexpugnável do Cuito Cuanavale manteve-se de pé.

No entanto, qual era, nessa altura, a situação real das Forças de Defesa da África do Sul (SADF) no campo da batalha? O articulista de assuntos estratégicos e táticos, Kelly Bell, interpretou o estado das forças sul-africanas da seguinte maneira:

A “recusa sul-africana em sofrer baixas, combinada com o aumento da resistência marxista, fez com que as operações caíssem pela metade. Seguir-se-ia o impasse. (...)”

Com o objectivo de reduzir o conflito, Pretória implementou táticas de contenção. A 82ª Brigada foi trazida para socorrer outras unidades da SADF que estavam exaustas dos combates (...). Um novo ataque lançado em 23 de Março, a Operação Packer comprimiu as forças das FAPLA em um enclave cada vez menor ao redor da ponte Cuito Cuanavale e a 82ª Brigada iniciou um extenso campo minado para imobilizar o inimigo durante a campanha seguinte²².

Esta leitura do articulista caracteriza muito bem o estado de ânimo e o moral baixo das forças sul-africanas, mas também é visível o corte acentuado da realidade

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

do campo de batalha. Isto é, as Forças de Defesa da África do Sul (SADF) introduziram essa e outras unidades, assim como desencadearam acções ofensivas que redundaram em fracasso total por força das barreiras de fogo de artilharia e dos consecutivos golpes dos esquadrões aéreos das FAPLA/FAR. Mesmo assim as suas unidades blindadas procuraram avançar, mas tombaram nos campos de minas. Deste modo, as unidades sul-africanas paralisaram em definitivo e começou o recuo.

Diante desta realidade do campo da batalha, assomam as seguintes perguntas: Qual foi o desenlace concreto da batalha? Que tipo de batalha teve lugar? Quais são as consequências militares e políticas da batalha? As respostas, como um todo, constam da terceira parte desta comunicação.

3. AVALIAÇÃO E SIGNIFICADO DA BATALHA

Antes de mais, é preciso destacar que o comando da Frente Sudeste das FAPLA tomou, em Novembro de 1987, a decisão acertada do ponto de vista estratégico-operacional, quando ordenou a passagem das suas tropas à defesa. Do ponto de vista estratégico, esse comando fez uma manobra estratégica defensiva de formato retrógrado. Isto é, o comando da Frente Sudeste decidiu aproveitar as condições favoráveis do terreno do Cuito Cuanavale e os seus obstáculos naturais, para combater em condições mais vantajosas. Com a mudança de atitude e direcção estratégicas, a reorganização das forças no terreno competiu aos comandos das Brigadas das FAPLA. Mas mesmo assim foi necessário colocar no terreno entidades militares de nível mais elevado, em busca de uma melhor coordenação dos esforços defensivos entre as unidades, o comando da Frente e o Estado Maior General. Já a profundidade da operação defensiva estratégica foi estabelecida em função das dinâmicas dos combates.

Quanto à sua duração, a operação defensiva estratégica do Cuito Cuanavale dependeu, em grande medida, dos desenvolvimentos dos combates ofensivos e defensivos. Estas foram as principais operações e acções tácticas, mas não houve nenhum choque violento entre as forças das partes. No contexto das batalhas, o choque violento é de “valor considerável”. Mas, em abono da verdade, as partes fizeram tudo em busca da mudança estratégica. Neste ponto, os esforços estratégicos defensivos das FAPLA/FAR foram mais assertivos.

Do ponto de vista de duração, a Batalha do Cuito Cuanavale durou quatro meses. Isto é, começou em Novembro de 1987 e terminou no dia 23 de Março de 1988. Por outras palavras, ela iniciou com a passagem das FAPLA à defesa e

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

culminou com a decisão sul-africana de terminar a batalha estratégica ofensiva, devido à quebra de combate. Estrategicamente falando, uma batalha termina quando um dos contendores reconhece a “quebra da condição de combate”. Perante esse posicionamento militar, o comando das Forças de Defesa da África do Sul (SADF) decidiu retirar as suas forças do campo da batalha, mas de forma gradual. Desta maneira, os desenvolvimentos militares subsequentes, que tiveram lugar nas direcções Sudeste e Sudoeste, não se enquadram no contexto da Batalha do Cuito Cuanavale.

No contexto da presente abordagem estratégica, também é essencial valorizar a condução estratégica da guerra e o papel desempenhado pelo alto comando militar das FAPLA, particularmente o condutor dos esforços estratégicos da guerra, o Comandante-em-Chefe José Eduardo dos Santos. Do ponto de vista da estratégia, este ponto é central.

Desta maneira, o significado estratégico da Batalha do Cuito Cuanavale, segundo o Comandante-em-Chefe José Eduardo dos Santos, resume-se ao seguinte entendimento: “Nesta luta, o apartheid foi derrotado e perderam a face todos os seus aliados e apoiantes. A República de Angola desempenhou um papel de grande relevo ao participar exemplarmente com as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) em batalhas de grande envergadura contra unidades do exército sul-africano nas províncias do Cunene e do Cuando Cubango, que ocupavam ilegalmente, e onde foram derrotadas nas localidades do Cuito Cuanavale, Chipa e Calueque.

A batalha do Cuito Cuanavale foi uma das mais importantes que ocorreram na África ao sul do Sahara, entre Angola e a África do Sul, depois da Segunda Guerra Mundial. Nela participaram mais de 24 mil homens. Do lado de Angola combateram mais de nove mil homens, com 62 tanques, 51 carros blindados, 113 peças de artilharia, 288 veículos de transporte, duas esquadras de aviões de combate e uma de aviões de apoio e reconhecimento, uma esquadra de helicópteros de apoio e resgate.

As vitórias abriram caminho para a assinatura em Nova Iorque, em Dezembro de 1988, do acordo entre Angola, África do Sul e Cuba, sob mediação dos Estados Unidos da América, pondo fim ao conflito regional e permitindo a independência da Namíbia, a libertação de Nelson Mandela e a abolição do sistema do apartheid. Deste modo, foi conquistada a libertação total de África e realizado um dos maiores sonhos do nosso Continente”!²³

* Historiador, Mestre em História Militar e Ph.D. em História e Gestão Estratégica.

CONCLUSÕES

A Batalha do Cuito Cuanavale é, por excelência, uma batalha estratégica defensiva. Ela entrou para os anais da história militar da África Austral, visto que moldou a região, do ponto de vista político, como um todo. Os seus resultados permitiram fechar o ciclo das lutas de libertação, à luz do grande ideário do Comité de Libertação de África da OUA. Do ponto de vista da arte da guerra, ela inaugura o surgimento do conceito de guerra de média intensidade, atendendo a envergadura dos combates ofensivos, defensivos, os meios e os homens. Assim, é legítimo que se introduza o conceito de guerra de média intensidade na tipologia das guerras. A Batalha do Cuito Cuanavale situa-se acima das batalhas das guerras de baixa intensidade.

¹ Cf. Ordem n.º. 109/83, Ministro da Defesa.

² Cf. Directiva Operativa n.º.04/84.

- ³ Cf. Arnaldo Ochoa to Konstantin Kurochin, Wilson Center, Digital Archive International History Declassified, July, 1986, p.6488.
- ⁴ Cf. Proposta sobre o Agrupamento de Tropas a Criar na Direcção Sudeste do País, Ministério da Defesa, Direcção de Operações do E.M.G., 12 de Novembro de 1985.
- ⁵ Idem, pp. 1 e 2.
- ⁶ Idem, p.9.
- ⁷ Cf. Directiva Operativa n.º.003/86, Comandante-em-Chefe.
- ⁸ Cf. Directiva n.º.07/87. Ministro da Defesa
- ⁹ Cf. Ordem n.º. 087/87. Ministro da Defesa
- ¹⁰ Informe da Situação Político-Militar na R.P.A. para a Reunião do Comité Central do MPLA Partido do Trabalho, Ministério da Defesa, Novembro/1987, p.8.
- ¹¹ Cf. Jannie Geldenhuys, At the Front A General's Account of South Africa's Border War, p.227.
- ¹² Cf. Informe da Situação Político-Militar na R.P.A. para a Reunião do Comité Central do MPLA Partido do Trabalho, Ministério da Defesa, Novembro/1987, pp. 8 e 9.
- ¹³ Fidel Castro to Gorbachev, Wilson Center Digital Archive International History Declassified, December 01, 1987.
- ¹⁴ Mikhail Gorbachev to Fidel Castro, Wilson Center Digital Archive International History Declassified, December 05, 1987.
- ¹⁵ Carta do Assessor Militar Principal Tenente-General P. Gussev, 16 de Janeiro de 1988.
- ¹⁶ Carta do Assessor Militar Principal Tenente-General P. Gussev, 17 de Março 1988.
- ¹⁷ Confidential Telegram from USINT Havana to Secretary of State George Shultz, 'Cuban Armed Forces Ministry Communique on Cuban-Angolan Defense of Cuito Cuanavale', Wilson Center Digital Archive International History Declassified, March 18, 1988.
- ¹⁸ Jornal de Angola, 4 de Setembro 2015, p.4.
- ¹⁹ Entrevista, Tenente General Fernando Mateus à Revista Pátria, Abril 2015 – Nº13 – Mensal – Angola, p.43.
- Cf. Balanço sobre a FAPA/DAA até 30 de Novembro de 1987, Gabinete do Comandante da FAPA-DAA, 1987, p.24. ²⁰
- ²¹ André Feliciano Bimbe, Missões e Emprego da DAA nos Diversos Tipos de Acções Combativas, ISEM, 1999, p.8.
- ²² Kelly Bell, Cold War Campaign: South Africa in Angola, Strategy & Tactics n.º235 –June 2006.
- ²³ Presidente José Eduardo dos Santos, Mensagem À Nação por Ocasão do 40.º. Aniversário da Independência Nacional, Jornal de Angola, 11 de Novembro de 2015, pp. 6 e 7.